

# TERAPIA OCUPACIONAL: INTEGRAÇÃO E PRODUÇÃO DO SABER

Autora: Sonia Maria Leonardi Ferrari, terapeuta ocupacional com especialização em Saúde Mental pelo CETO, e especialização em Coordenação de Grupos e Análise Institucional pelo Instituto "A Casa". Diretora do CETO e Diretora científica do Instituto "A Casa".  
Endereço: R. Caiubi, 1.171 -05010-000 -São Paulo-Brasil

Resumo: A autora fala do lugar do terapeuta ocupacional na equipe interdisciplinar e da importância da formação como elemento de sustentação deste .

Palavras-chaves: Terapia Ocupacional- Interdisciplinariedade - Saúde Mental

## TERAPIA OCUPACIONAL: INTEGRAÇÃO E PRODUÇÃO DO SABER

Pensando no lugar que a Terapia Ocupacional ocupa hoje nos programas de Saúde Mental, vemos a importância de se recontextualizar o campo de atuação do terapeuta ocupacional, que uma vez inserido numa equipe interdisciplinar necessita de uma formação que transcenda a sua especificidade para o exercer de uma clínica social.

Quando se amplia o campo de conhecimento conseqüentemente se amplia o campo de intervenção, o entrecruzamento e a interface com as outras clínicas. Nessa expansão cria-se um contraponto entre a identidade do terapeuta ocupacional, marcada pela necessidade do funcionamento a partir de um único registro e a construção de um novo perfil do terapeuta ocupacional.

O terapeuta ocupacional em sua história, passou por momentos onde seu lugar prescrito dentro da equipe, de uma certa artificialidade, o impedia de significar a partir das suas ações, as suas próprias referências. Essa artificialidade foi demolida a partir do momento em que foi se tornando possível uma melhor definição e conceitualização da Terapia Ocupacional e do perfil do terapeuta ocupacional.

Esse perfil está relacionado com a forma de se pensar o trabalho em equipe, onde a multiplicação e a diversidade de intervenções são constituidoras de novos saberes, que uma vez compartilhados permitem o aparecimento da heterogeneidade - caminho para a criação-.

Esta forma de funcionamento em equipe traz paradoxalmente ao terapeuta o desafio da manutenção da especificidade e a necessidade da circulação por outros lugares de saber, que uma vez permutáveis, possibilitam o transitivismo entre os membros da equipe e a não cristalização do poder .

A especificidade a ser mantida é a relacionada a representação do personagem do próprio terapeuta no real. Com relação ao terapeuta ocupacional, sua especificidade está relacionada ao domínio da técnica, instrumentada por excelência pelas atividades. Isso deve acontecer sem distanciá-lo porém dos outros e evitando que nessa circulação este se perca, ou se deixe deglutir em outros territórios. Essa é a grande virtude da junção.

Essa nova forma de ser terapeuta está definida por um sistema de trocas, de transferências de energias, de composição de elementos heterogêneos sempre sujeitos à mutação. A junção exitosa de todos esses elementos é a que não se deixa seduzir nem pela sensação do poder unilateral, nem pela busca de elementos preexistentes

para garantirem o seu sucesso.

Como se o terapeuta funcionasse como uma caixa de ressonância, sendo afetado e a partir disso podendo ampliar formas de intervenção que não levem em conta só as semelhanças, pois estas também podem capturar, aprisionar, levar à exclusão, mas e sobretudo, devem ser levadas em conta as diferenças. A ética dessa forma de ser terapeuta traz em si a marca do sensível que permite a produção do novo.

Faço aqui um empréstimo de uma figura utilizada por Benetton (1994) : o "papel de seda" como a forma de fazer cópias na tentativa de juntar diferentes teorias com as técnicas do uso de atividades. A autora diz que nessa tentativa, "dois mapas eram colocados um sobre o outro, onde houvesse algo que parecia corresponder à área do outro, propunha-se então o uso de atividades de acordo o modelo conceitual aparente". Penso que para a localização do terapeuta ocupacional na equipe devemos usar o "papel de seda" mas com outra função que a de "colar". Na sobreposição de formas, imagens, de zonas de sombra e de claridade, ele pode ser o substrato para criação de um novo desenho com novos contornos.

Este outro uso do "papel de seda", se torna imprescindível no processo de constituição de uma equipe que deve trazer em si a disponibilidade de desenhar novos contornos. O caminho a ser percorrido pelos seus integrantes vai

desde a vivência num primeiro momento da necessidade de uma rígida definição de papéis anteriormente prescritos, desenhos aparentemente imutáveis, à passagem para a vivência de momentos de indiscriminação, do não reconhecimento do próprio, da perda de limites, da intensificação das vivências afetivas, quando os desenhos se borram. Se esse segundo momento é entendido e vivido dentro dos limites necessários para o processo de constituição da equipe, as diversidades podem então ser aceitas, ocorre a transformação das propostas anteriores, a discriminação, o reconhecimento do próprio dentro da produção coletiva. Já com as marcas do novo, a criação de um novo desenho e conseqüentemente de um novo corpo, que trará dentro de si a possibilidade de mudanças.

Guatarri (1990) define o “coletivo no sentido de uma multiplicidade desenvolvendo-se para além do indivíduo, como também aquém da pessoa, do lado das intensidades pré-verbais, ligada mais a uma lógica dos afetos que uma lógica de conjuntos bem circunscritos”.

Dessa forma cada terapeuta é parte integrante de um processo de criação que deve ser vivido e nomeado de “verdadeiro”, no sentido de uma verdade construída, não pré-determinada, sendo que aquilo que emerge a partir desse processo não pode ser atribuído a um único autor.

Numa equipe que se dedica ao tratamento de psicóticos a plasticidade se torna quase que imprescindível. O terapeuta que se aventura por uma incursão ao desconhecido, oferece-se ao paciente como companheiro de uma viagem por vezes insólita onde o risco de se perder, se discriminar, ser capturado pela loucura está sempre presente. O arrojo, o desejo de transitar por esse mundo, de resgatar o paciente de seu enclausuramento é o que o faz seguir adiante, investindo numa dualidade que possa ser vivenciada pelo paciente como uma experiência possibilitadora da entrada do simbólico, sem as marcas do terror do reencontro com uma situa-

ção de perda de si mesmo e do outro.

Nessa pesquisa por terras desconhecidas, o terapeuta inserido numa equipe a terá sempre como referência. A definição de um grupo de pessoas que na construção de um saber compartilhado estabelecem um campo terapêutico onde as múltiplas possibilidades transferências permitem ao paciente a vivência de diferentes vínculos, de diferentes intensidades, na tentativa de inseri-lo numa dimensão histórica.

O constante movimento dessa equipe faz com que seus membros desenvolvam um sofisticado nível de comunicação onde até olhares e gestos, plenos de significações garantam a possibilidade da circulação entre o dentro e o fora, imprescindível num processo terapêutico.

O terapeuta ocupacional inserido numa equipe que funciona a partir desses pressupostos, pode no exercer de sua clínica, autorizado e validado pelo vínculo terapêutico, circular, se utilizar de diferentes ferramentas nas suas intervenções. Isso pode ser feito a partir do entendimento e do mapeamento do que é necessário e terapêutico para aquele paciente naquele momento.

Instala-se um interjogo entre o intervir e o postergar. Entre o que faz parte do seu campo de intervenção e de conhecimento e entre o que transcendendo, transborda, se desfaz, perde a eficácia terapêutica.

A utilização e a circulação por diferentes ferramentas e a plasticidade necessária para isso, trazem semelhanças com os métodos de produção artística atuais, que segundo Bourriaud (1994) são impregnadas de: “*sampling* de imagens e de informações, reciclagem de formas já socializadas ou historicizadas, invenção de identidades coletivas”. Sendo que uma obra de arte desde essa referência é considerada como tal quando não aprisiona o olhar, não cristaliza o autor.

O terapeuta ocupacional trazendo em si o signo da utilização da técnica que deve necessariamente objetivar o

social, deve também poder reciclar suas formas de intervenção “*sampleando*” atividades, inventando com e para o paciente diferentes caminhos que o levem num primeiro momento à expressão e depois à comunicação de seus conteúdos internos, para a experimentação e construção de diferentes formas de relação. Esta relação está fundada num fazer que não o deixe mais aprisionado nem cristalizado na loucura.

É necessário que o terapeuta ocupacional traga dentro de si além do conhecimento e domínio de sua técnica, o desejo de romper a exclusão da parceria com o louco, abrindo o espaço da inclusão na parceria com o louco. Deve também romper com o mutismo que não lhe dá possibilidade de significar sua prática, o poder se arriscar.

Se tudo isso é levado em conta na formação do terapeuta ocupacional, é então possível a manutenção de sua singularidade numa equipe que pensa o tratar de uma forma mais ampla, não se caracterizando só como uma soma de forças, mas como um dispositivo de multiplicação e produção de novos saberes, que uma vez compartilhados, podem produzir transformações, novas possibilidades de tratamento, a criação de novas políticas de saúde mental, enfim uma clínica do social.

#### Referências bibliográficas:

1. Benetton, M. J. *Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental*, tese de doutorado UNICAMP, São Paulo, 1994
2. Guatarri, F. “*Linguagem, Consciência e Sociedade*”. Saúde e loucura, 1990. Ed. Hucitec
3. Bourriaud, N. “*Le paradigme esthétique*”. *Chimères* n.21, 1994, CNL, France.
4. Elkain, M. et Stengers, I. “*Du mariage des hétérogènes*. *Chimères* n.21, 1994, CNL, France.
5. Perrier, F. *Evolution Psychiatrique*. n.2, Paris, 1958.